

Proletários de todos os países: UNI-VOS!



ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

QUE REGRESSEM OS SOLDADOS DE GOA!

Salazar continua a usar todos os pretextos para retardar o repatriamento das tropas portuguesas aprisionadas na aventura da guerra de Goa. Ele receia que esses milhares de soldados ao chegarem a Portugal venham desmascarar a acção do Governo em Goa, aumentando, assim, a indignação do povo contra as guerras coloniais. Por isso, Salazar demora, com mentiras, o repatriamento que o Governo Indiano propõe e se não houver protestos enérgicos das famílias, o governo poderá embarcá-los para a guerra de Angola ou Moçambique, em vez de os repatriar.

Que as famílias dos soldados e todo o povo se concentrem por toda a parte exigindo: Repatriamento dos soldados de Goa! Fim das guerras coloniais!

No dia 31 de Janeiro

MAIS DE 50.000 PESSOAS NAS RUAS DO PORTO GRITARAM «Portugal, sim! Salazar, não!»

O Porto viveu no dia 31 de Janeiro mais uma gloriosa jornada democrática. O Partido Comunista Português soube compreender a vontade dos portuenses de manifestar o seu amor à Liberdade e à Democracia e chamou o povo do Porto e arredores a comemorar naquela data os heróis de 1891.

Por isso os trabalhadores do Porto, de Gaia, S. Pedro da Cova, Gondomar, Rio Tinto, S. Mamede, Senhora da Hora, Matosinhos e de tantos outros lugares foram em massa às 18, 30 h. ao local onde caíram para sempre aqueles heróis, prestar-lhes a sua homenagem e

irmanarem-se com eles no mesmo anseio de Democracia e de Progresso.

Com eles vieram os jovens trabalhadores e estudantes, as valentes mulheres do Porto, gritando o seu amor à Paz, a sua vontade de negociação com os povos escravizados das colónias portuguesas. O povo inteiro, homens, mulheres e jovens, membros das mais diversas classes, metalúrgicos, têxteis, pescadores, mineiros, peixeiras, intelectuais, bancários, estudantes dos liceus, das escolas técnicas e da Universidade — encheram a baixa do Porto. As 18,30 h. já mais de

50 mil pessoas tornavam intransitável as ruas de 31 de Janeiro, da Madeira e dos Clérigos, as Praças da Liberdade, de Almeida Garrett e da Batalha.

Apesar do enorme aparato policial, o número dos manifestantes aumentou sempre até às 19 h. e os versos do hino nacional «contra os canhões, marchar» ganharam nova força: a força do povo batendo-se com as brigadas de choque da PSP e da PIDE cujos agentes apareceram armados de «casco-têtes». Quando uns e outros começaram carregando os manifestantes, estes como um só homem gritaram: «Assassinos! Criminosos!» Dezenas de presos foram arrancados pelo povo das mãos criminosas dos pides; 2 soldados, que se manifestavam com os seus irmãos operários e foram presos foram soltos pelo povo; o agente da PIDE, Ferreirinha, quando pretendia prender um democrata viu-se lançado por terra, arrastado e batido; um chefe da P.S.P. foi tratado ao hospital com a cabeça aberta.

Durante muito tempo o povo gritou na Praça da Liberdade «Portugal, sim; Salazar, não!»; noutro ponto da manifestação gritou-se: «Liberdade para Pires Jorge», «Liberdade para Octávio Pato e Américo de Sousa».

«Liberdade para Carlos Costa». Por todo o lado se ouviam vivas à Liberdade, à República, à Democracia. O povo vitoreou inúmeros dirigentes democráticos, destacados em especial os nomes de Alvaro Cunhal e de Humberto Delgado. A certa altura desde os Clérigos à Batalha, uma multidão que é difícil calcular mas que muita gente diz ultrapassar as 100.000 pessoas, gritou durante muitos minutos: «Amnistia para os presos políticos», «Amnistia! Amnistia!» de mistura com «Abaixo a PIDE». Todo o trânsito foi paralisado: os manifestantes desligavam os troleis dos eléctricos e chegavam a deitar-se no chão à frente dos carros para os obrigar a parar.

Entre as 18, 30 e as 20 h. o entusiasmo não abrandou. A polícia não conseguiu fazer dispersar a manifestação apesar da rajada de metralhadora da Praça da Batalha, dos tiros na Praça da Liberdade e noutros locais. A placa chamando Rua de Santo António à Rua de 31 de Janeiro não pôde ser substituída por outra com o seu verdadeiro nome, mas foram nela colocados cartazes dizendo Rua 31 de Janeiro. Nem os poderosos jactos de água (continua na 4.ª pág.)

CRESCER A SOLIDARIEDADE à luta do povo português

Nos últimos meses, um poderoso movimento internacional de solidariedade ao povo português tem mobilizado o apoio dos povos de todo o mundo, que condenam resolutamente as violências e crimes da ditadura de Salazar e exigem o fim do regime do terror em Portugal.

Na União Soviética O grande povo soviético está a prestar uma ajuda fraternal à luta do nosso povo através duma ampla campanha de protestos. Por toda a parte, nas fábricas da Ucrânia, de Moscovo, da Sibéria; do Azerbaijão, da Estónia, dos Urais, em dezenas de comícios, muitos milhares de trabalhadores soviéticos têm aprovado moções e mensagens de encorajamento à luta anti-fascista em Portugal, exigindo a libertação dos patriotas portugueses e o fim da repressão sobre os povos das colónias. Numerosas organizações soviéticas, como o Conselho Central dos Sindicatos, o Comité das Mulheres, o Conselho Estudantil, a Sociedade dos Escritores, a União dos Jornalistas, a União dos Arquitectos, os Sindicatos dos Metalúrgicos e dos Ferrovieiros, entre outras, exprimem a indignação de milhões de soviéticos e reclamam insistentemente do governo de Salazar a cessação do terror. Os maiores órgãos da imprensa soviética, como a «Pravda» e «Izvestia» têm desmascarado largamente a política fascista e colonialista de Salazar e revelado as torturas a que são submetidos os patriotas presos.

Portugal, que estão fazendo o regime fascista atravessar a maior crise da sua história, exprimiu a gratidão da classe operária e do povo português pela valiosa ajuda (continua na 2.ª pág.)

SALVEMOS OS DIRIGENTES COMUNISTAS presos em Dezembro!

Nas celas da PIDE correm grande perigo as vidas de Joaquim Pires Jorge, Octávio Pato, Américo de Sousa, Carlos Costa, Júlio Martins e dos outros militantes do Partido presos em Dezembro. A PIDE está a submetê-los a torturas cruéis e não hesitará em assassiná-los como fez o camarada José Dias Coelho, se não se levantar um forte movimento de protesto do nosso povo.

Os camaradas presos têm estado a ser torturados de dia e de noite na sede da PIDE onde os mantém em interrogatório permanente durante 6, 8 e 10 dias sem os deixar dormir. Os criminosos da PIDE Fernando Gouveia, Anibal S. José Lopes, Paulino, Tinoco e Sardinha, insultam, ameaçam de morte e espancam os presos e as presas continuamente, tentando arrancar-lhes declarações, mas a sua brutalidade não consegue quebrar a firmeza heróica dos nossos camaradas.

Os presos estão em isolamento absoluto, encerrados nas «gavetas» do Aljube, sem visitas de advogados, sem jornais, sem livros, e só devido aos protestos das famílias têm tido curtas visitas na PIDE. Carlos Costa não pôde enviar

para a família a sua gabardina que ficou manchada de sangue, devido ao espancamento que sofreu. Joaquim Pires Jorge foi também agredido no momento da prisão. Américo de Sousa, actualmente encarcerado no «segredo» de Caxias, perdeu 5 quilos depois de estar muitos dias em tortura de sono. Albina Fernandes foi esbofetada pelo criminoso Gouveia e depois de longos dias de tortura sofreu forte abalo nervoso, recendo-se pelas suas faculdades mentais. Uma criança de 3 anos e outra de 6 anos foram submetidas a interrogatórios pela PIDE.

ser recolhidas muitas assinaturas, nos quais se reclama a libertação dos destacados patriotas presos em Dezembro. O povo está a manifestar a sua solidariedade aos camaradas presos e protesta contra os crimes da PIDE. Exposições e abaixo-assinados de protesto contra o assassinato de José Dias Coelho foram lançados em vários pontos do país.

É preciso que o movimento de protesto contra o terror fascista se intensifique. Exijamos que cessem as torturas sobre os camaradas presos e sobre todos os presos políticos! Exijamos o castigo para os assassinos de José Dias Coelho! Formemos comissões pela Amnistia, de solidariedade aos presos e suas famílias! Apoieemos a exposição pela Amnistia com muitos milhares de assinaturas!

Salvemos os presos! Castigo para os assassinos!

Circulam actualmente em Lisboa, no Porto e noutros pontos do país abaixo-assinados para que estão a

Avante por novas lutas!

CRESCER A SOLIDARIEDADE à luta do povo português

(continuação da 1.ª pág.)
do povo soviético.

Em Itália — Constituiu-se no dia 12 de Janeiro um Comité Nacional para a defesa das liberdades democráticas em Portugal com a participação de representantes de todos os partidos políticos italianos, do presidente da Confederação Geral do Trabalho Italiana, do escritor Alberto Moravia e de muitas outras individualidades. Numa grande conferência da imprensa organizada em Roma pelo Comité, os convidados portugueses, prof. Rui Luis Gomes e pintor José Escada expuseram largamente a situação repressiva que se vive no nosso País, respondendo a numerosas perguntas dos assistentes. Em consequência do trabalho de esclarecimento levado a efeito nos últimos meses, a imprensa italiana está realizando uma grande campanha contra as violências da ditadura salazarista.

Em França — Arigos na imprensa, moções e mensagens manifestam a condenação unânime do povo francês da desenfreada depressão que impera em Portugal. Destacadas individualidades da vida francesa têm dado o seu apoio no apoio para a realização dum Conferência Pro-Amnistia em Portugal que foi já subscrito por muitas assinaturas. A Confederação Geral do Trabalho protestou contra as perseguições em Portugal.

Na Bélgica — A Conferência Interparlamentar Mundial tomou conhecimento dum mensagem que lhe foi entregue por delegados da Conferência dos Parlamentares da América Latina, sobre a situação dos presos políticos em Portugal e Espanha. Uma delegação portuguesa formada pelos escritores Dr. António José Saraiva e Castro Soromenho interveio junto da Conferência e organizou uma entrevista com a imprensa em que divulgou as condições angustiantes em que se encontram os presos políticos portugueses.

Jovens portugueses no Forum Mundial da Juventude

Vendo os obstáculos que o fascismo sempre tem posto a todos os contactos com jovens doutros países, uma delegação portuguesa celebrou no grande Estabelecimento de Jovens, o Forum Mundial da Juventude, realizado em Julho-Agosto de 1941 em Moscovo.

A participação no Forum, em contacto com delegados de quase todos os países do mundo e o intercâmbio de opiniões com as outras delegações, foram muito proveitosos para os jovens portugueses, que em várias conferências e encontros assistiram a situações de juventude no nosso país.

No Clube do Forum realizaram uma conferência com a delegação espanhola. A intervenção portuguesa foi aplaudida entusiasticamente.

Numa sessão organizada pelas delegações de Portugal, de Angola, Cabo Verde-Guiné, Moçambique e S. Tomé e Príncipe, os jovens portugueses leram uma intervenção sobre a luta anticolonialista de nossa juventude e do nosso povo, que foi editada e distribuída pelo Forum. A distinção entre os colonialistas portugueses e o povo foi constantemente salientada.

Houve vários encontros com as delegações francesa, brasileira, cubana, (que

Na Venezuela — A colónia democrática portuguesa formou uma delegação permanente, composta por portugueses e espanhóis, que luta pela Amnistia em Espanha e Portugal, divulgando amplamente a situação repressiva n.º dois países.

Igualmente na Inglaterra, Checoslováquia e outros países de Democracia Popular têm sido realizadas acções de solidariedade para com o povo português. Na URSS e em vários países europeus estão a ser editadas traduções das cartas das presas políticas portuguesas. A

«Avante!» saúda calorosamente todas estas provas de solidariedade e a pela mais uma vez para que as forças democráticas do mundo intensifiquem o desmascaramento e o isolamento do regime de Salazar e a ajuda às vítimas da repressão fascista. Apoio pelos povos do mundo, o povo português alcançará a liberdade!

Uma delegação portuguesa NO V CONGRESSO SINDICAL MUNDIAL

O V.º Congresso Sindical Mundial que se realizou de 4 a 13 de Dezembro em Moscovo, com a participação de mais de 100 países, foi um dos maiores congressos sindicais de todos os tempos.

O Camarada Krushov, que foi recebido no Congresso com grandes ovacões, pronunciou um importante discurso focando problemas da paz e da futura sociedade comunista.

Teve uma grande importância para o nosso país a participação dum delegação portuguesa no V.º Congresso Sindical Mundial, pois permitiu que os trabalhadores de todos os países participantes nos fossem conhecidos a situação dos trabalhadores portugueses, ao mesmo tempo que a delegação exortava à solidariedade os trabalhadores de todo o mundo e colhia experiências da sua luta à escala mundial.

Entre os mais importantes documentos elaborados pelo Congresso ficou um apelo à acção pela Amnistia, um documento sobre a luta contra o colonialismo, o apelo aos trabalhadores e a carta sobre

COIMBRA — As Comemorações do Dia do Estudante

(Tomada da "bastilha") tiveram uma extraordinária animação e aquele cunho de alegria e sa confraternização próprias da juventude. 89 estudantes do Porto e cerca de 100 de Lisboa, deslocaram-se a Coimbra onde foram calorosamente recebidos.

«UNIDADE DOS ESTUDANTES» foi o grito que atravessou todas as festividades com o lema da juventude estudantil. Mais de duas centenas de estudantes realizaram um jantar de confraternização. Falaram vários jovens, focando a necessidade de Unidade da Academia, e um estudante referiu-se à guerra colonial, insurgindo-se contra o envio de jovens para uma guerra inútil e afirmando que a juventude quer a Paz. A sua intervenção terminou com todos a gritarem: «Queremos Paz!».

O Colóquio de estudantes das 3 universidades, com cerca de 300, versou temas associativos.

Contra a repressão — Depois dos cortejos das «latadas», caracterizados por numerosas piadas políticas, a repressão abateu-se sobre os estudantes.

A PIDE mobilizou até brigadas da P. J. que fizeram uma busca ge-

Quem são os comunistas?

Libertemos MANUEL GUEDES

Há 30 anos que Manuel Guedes consagrou a sua vida à causa dos trabalhadores e ao seu Partido, passando nos cárceres fascistas 14 anos.

Ainda jovem marinheiro, Manuel Guedes foi um dos principais criadores da Organização Revolucionária da Armada que tanta milénica teve entre os marinheiros, eum dirigente destacado desta organização. Foi o mais entusiasta impulsor e divulgador de «O Marinheiro Vermelho», publicação que então difundiu 700 exemplares na Marinha de Guerra.

Preso pela primeira vez em 1933, só foi libertado em fins de 1934. Ingressou novamente no trabalho revolucionário do Partido, tendo sido chamado pelo camarada Bento Gonçalves para a Comissão Central de Organização, cargo que ocupou por pouco tempo, pois voltou a ser preso em princípios de 1935. No ano seguinte, quando estava a ser julgado no Tribunal Militar Especial, Manuel Guedes conseguiu fugir, colocando-se de novo ao serviço do Partido na clandestinidade.

Em 1936, durante a guerra de Espanha, quando se encontrava lá em missão do Partido, foi preso pelos franquistas e esteve na iminência de ser fuzilado. Permaneceu dois anos na prisão de Cárceres, tendo sido depois entregue à PIDE (então Polícia de Vigilância e Defesa do Estado), que o manteve na prisão até à Amnistia de 1940.

Após a sua libertação, Manuel Guedes foi um dos principais reorganizadores do Partido, combatendo energeticamente o grupelho provocatório que se tinha assenhoreado da Direcção do Partido. A partir da reorganização passou a fazer

A LUTA NAS ESCOLAS

recção proibindo os rapazes de falarem com as raparigas na escola. Prossegue a luta dos estudantes da Faculdade de Ciências do Porto pela sua Associação Académica. Cerca de 300 já subscreveram o abaixo-assinado a favor da criação dum Associação Académica na sua Faculdade.

Viseu — Foram presos 5 liceais de Viseu. Contra estas prisões tem havido vários protestos dos seus colegas e dos estudantes universitários de Coimbra e de Lisboa.

Lisboa — Circula um abaixo-assinado a pedir a libertação dos estudantes presos. Delegados das Associações Académicas tiveram uma entrevista com o Sub-Secretário do Interior nesse sentido.

No Instituto Superior Técnico realizou-se uma Assembleia com cerca de 150 alunos. Em vários painéis apareceram inscrições pedindo a liberdade para os estudantes presos, Liberdade, Amnistia, etc.

As comemorações da vitória dos estudantes sobre o Decreto 40.900 realizaram-se no dia 20 de Janeiro, com a participação de grande massa estudantil, encerrando com um jantar de confraternização e um sraeu cultural no I. S. Técnico.

AVANTE NA LUTA, OPERÁRIOS E CAMPONESES!

CONCENTRAÇÃO DE 2.000 OPERÁRIOS DA GARRIS

Após três anos de luta por aumento de salários, e de promessas não cumpridas por parte da gerência, os trabalhadores da Garris de Lisboa intensificaram de novo a luta, fazendo no dia 12 de Janeiro uma importante concentração em S. Amaro, na qual participaram mais de 2.000 trabalhadores do movimento e das oficinas.

Alguns dias antes, foram afixados avisos ameaçando de graves consequências os operários que fossem à concentração e no próprio dia a P.S.P. apresentou-se em força. Mas os operários não se deixaram intimidar e reclamaram em coro aumento de salários.

Como apareceu a falar-lhes um engenheiro, os trabalhadores exigiram a presença do administrador, assobiando o engenheiro quando este insistia em dar-lhes conselhos. Por fim, um dos administradores da Garris foi forçado a aparecer, tendo-se desculpado que a questão do aumento estava em estudo por parte da gerência, do ministro e do sindicato. Os operários em coro, gritaram «mentira! mentira!», «essa mentira dura há 3 anos!», «queremos aumento!», etc. Por fim o administrador foi forçado a prometer alguma vez o experimento, o que é contrário ao prescrito na própria Reforma Prisional fascista.

Manuel Guedes terminou há 6 onces a pena e que foi condenado! Continua arbitrariamente preso, ameaçado de prisão perpétua pelos carrascos salazaristas, se nós não fizermos todos os esforços para arrancá-lo da prisão.

EXIJAMOS A LIBERTAÇÃO DE MANUEL GUEDES! INTENSIFIQUEMOS A LUTA POR AMNISTIA A TODOS OS PRESOS POLITICOS!

Camponeses! DEFENDEI AS VOSSAS TERRAS

A agricultura portuguesa debate-se numa ruína sempre maior devido à estrutura da propriedade. Enquanto um punhado de latifundiários está de posse de milhões de hectares, há 800 mil camponeses sem terra obrigados a viver do pesadíssimo trabalho assalariado, e centenas de milhares de camponeses pobres levam uma existência miserável trabalhando de manhã à noite nos retalhos de terra que possuem ou arrendam em péssimas condições.

A primeira medida que se impõe para salvar a agricultura portuguesa é pôr fim à grande propriedade pelos que a trabalham. Contudo, as novas leis que o governo está a fazer aprovar, pelo contrário, foram feitas para acabar com a pequena propriedade, para concentrar as pequenas propriedades noutras maiores. A lei do empacelamento, apresentada pela propaganda fascista como «uma verdadeira reforma agrária» e como a defesa da propriedade familiar, nada mais é do que um novo roubo descarado das terras dos camponeses pobres e é por isso que a lei prevê o recurso ao empacelamento forçado.

O que o governo e os grandes capitalistas pretendem é arrancar as terras aos camponeses pobres para formar grandes explorações capitalistas onde os antigos proprietários passarão a trabalhar como seus assalariados. Depois de terem roubado os baldios aos povos para os transformar em florestas, os grandes proprietários e capitalistas querem agora obter

Uma vitória dos mineiros

Em fim do ano passado os mineiros do Cabo Mondego iniciaram uma luta por aumento de salários com uma larga concentração no seu Sindicato, na Figueira da Foz, tendo desmascarado o presidente do Sindicato pelo seu acção contra os interesses do classe. Em seguida recorreram à greve até obterem a vitória. Graças à sua unidade e grande espírito de combalvidade, os mineiros do Cabo Mondego conseguiram um aumento de salário de 4500 dírsios.

Concentração de 1.500 trabalhadores da Companhia dos Telefones

Aproveitando uma reunião da Direcção do Sindicato de Lisboa, 1.500 trabalhadores do monopólio inglês dos Telefones (A.P.T.) promoveram uma concentração que encheu por completo as salas do sindicato e ainda a rua e exigiram a revisão imediata do Contrato Colectivo para melhoria dos vencimentos da classe.

A direcção do sindicato tentou persuadi-los a não se concentrarem alegando que não dispunha de autorização para uma reunião daquela natureza. Os trabalhadores insistiram, não arredando pé enquanto não lhes foi prometido que a Direcção encetaria diligências para a revisão do Contrato.

Trabalhadores da A.P.T.! Não deveis ceder à manobra dos dirigentes

sindicais, que procuram dividir-vos em secções para quebrar a vossa luta! Concentrai-vos sempre em massa e todos unidos exigi o aumento imediato dos vossos salários e ordenados!

Formai as vossas Comissões de Unidade em todas as secções para a coordenação e direcção da vossa luta!

Paralisação de trabalho na fábrica da Pólvora

A direcção da Fábrica da Pólvora, em Moscovide, aumentou arbitrariamente de 3 para 6 dias de salário o atraso em que paga as férias aos operários. Como é natural, uma tal medida causou grande indignação entre os trabalhadores.

Na quadra do Natal, os operários pediram para que nessa semana ficassem em atraso apenas 3 dias, como anteriormente. Quando ao receberem a férias verificaram que o seu pedido não havia sido atendido, todos unânimemente recusaram a recabé-lo e paralizaram o trabalho, exigindo o dinheiro que lhes pertencia.

Apesar das intimidações de alguns encarregados, os operários mantiveram-se firmes na sua recusa de trabalhar enquanto não fossem atendidos, tendo a direcção sido obrigados a devolver-lhes os 3 dias que reclamavam!

OUTRAS LUTAS

SECHERON — PORTO — Uma comissão de 6 operários e outra de 6 empregados foram à gerência colocar o problema da grelhação do Natal e a que se decidiu que deu 2 dias de salário a quem ganhasse menos de 3 contos.

LITÓGRAFOS — PORTO — Houve uma concentração de 120 operários do Sindicato, para a revisão do Contrato Colectivo de trabalho e para exporem à direcção do Sindicato as suas reivindicações (maiores salários, não contagem de domingos e feriados para efeito de férias, etc.). No final enviaram telegramas ao Presidente da República, Presidente do Conselho, Ministros das Corporações e delegado do INT manifestando o seu descontentamento e pedindo que a assinatura do CCT seja feita de acordo com os desejos da classe.

NA EMPRESA J. MIGUEL DA COVILHã — Como os operários tivessem accedido as lâmpadas dos locais num dia escuro, o patrão desligou a luz e multou-os em 20\$. Os operários foram em conjunto protestar junto do delegado do INT e ao seu Sindicato. Na segunda-feira foram exigir do patrão os 20\$000 ameaçando não pagar no trabalho. O patrão teve que ceder.

S. JOÃO DA MEIRA — Após uma larga movimentação, os chapieiros elegeram uma comissão representativa da classe que efectuou diligências junto dos patrões, conseguindo obter aumento de 350\$.

QUE CESSE O MASSACRE DE ANGOLA

A morte, a invalidez, as doenças tropicais, são a sorte de muitos dentre os soldados mobilizados para a guerra nas colónias. Alguns dos que conseguiram escapar com vida da infernal guerra de Angola e das que alastrarão às outras colónias portuguesas, voltarão às suas terras muito diferentes moralmente de quando partiram. Obrigados não só a presenciar, mas também a colaborar nas atrocidades, os soldados estão a ser «educados» num espírito de crueldade que chega a atingir o sadismo.

Há fotografias de soldados transportando cabeças de angolanos pelos cabelos, noutras podia ver-se nas antenas dos carros cabeças de negros e numa testículos espetados na antena dum jeep. Uma delas mostra um furriel espetado à baioneta corpos de negros, já mortos. Torturas inconcebíveis são infligidas aos patriotas angolanos aprisionados; a um, depois de cortarem as orelhas e o nariz, como continuava sem denunciar os companheiros de luta, amarraram-no de pés e mãos, introduziram-no até à cintura num buraco feito no chão e regaram-no com gasolina a que deitaram fogo.

Um soldado ferido em Angola, saído recentemente do Hospital da Estrela, contou no barco do Barreiro, com requintes de cinismo, que há oficiais que põem grupos de soldados armados de espingarda e baioneta ou de pistola metralhadora, formando um círculo e no meio metem os prisioneiros negros, armados de catana. Depois dizem a um deles: «Negro, vai cortar o braço àquele «ou então: «Corta a cabeça a esse». Os que se recusam a cumprir a ordem são assassinados a tiro ou à baioneta pelos soldados.

Mas a grande maioria dos soldados sente que está a colaborar na

ma guerra injusta e brutal, embora não tenham ainda consciência do melhor caminho a tomar para resistir aos crimes que os superiores os obrigam a cometer. Dizia um, em carta de Dezembro de 1961:

«Não se poupa ninguém. Ainda ontem, dia 5, foi um dia de terror. Homens, mulheres e crianças, não escapou nada à fúria assassina das nossas tropas. Só crianças foram 6 que morreram, 3 de tiros às costas das mães e outras 3 cortaram-lhes as cabeças. É horrível ter que presenciar tudo isto sem nada poder fazer por eles. Não calculas quanto sofro por ver fazer estas coisas na minha frente. Também te digo que já matei alguns, mas tinha que ser, ou eles ou eu e não posso deixar de apertar o gatilho da minha arma, coisa que me faz estremeecer da cabeça aos pés».

Mas, ao contrário dos soldados

que dizem nada mais poder fazer que apertar o gatilho e matar para não serem mortos, nós pensamos que algo diferente podem fazer.

Em primeiro lugar, podem e devem unir-se ainda na metrópole e manifestar-se em massa, em unidade com as suas famílias e o povo, contra a partida para a guerra colonial. Em segundo lugar, nas próprias colónias, com as armas na mão, podem e devem organizar-se e levantar-se contra a continuação dos crimes em que são forçados a colaborar, exigindo o fim do massacre colonial e, em último caso, voltar as armas contra os oficiais colonialistas que os comandam, exigindo o fim da guerra colonial e o seu regresso à metrópole.

Há que seguir o exemplo dos soldados de Goa que se recusaram a combater!

LUTAS DOS SOLDADOS

Tancos — Como protesto contra a má qualidade do rancho, os cabos milicianos da Escola Prática de Engenharia, em Tancos, no dia 7 de Janeiro recusaram-se a comer o almoço. Só comeram após muitos protestos, conseguindo a imediata melhoria do rancho.

No dia 9, os soldados seguindo o exemplo dos cabos, resolveram em conjunto fazer um levantamento de rancho, indignados com a péssima comida que lhes era fornecida e por verem que os cães polícias comiam mais carne num dia que um soldado numa semana. Abandonaram o refeitório e na parada viajaram o tenente Vicente, responsável pelo rancho, chamando-lhe safado e gritando: «temos fome!» «os cães comem melhor que nós!». Eram 600 a 700 homens gritando indignados num protesto unânime. O tenente

Vicente mandou tocar a formar ao que a maioria dos soldados não atendeu, continuando a gritar: «ladroes! ladroes!».

No dia 11 continuava o ambiente agitado e os soldados viajavam frequentemente os oficiais, manifestando ao mesmo tempo o seu descontentamento ante a perspectiva de partirem para as colónias.

A luta dos soldados e cabos de Tancos é um exemplo digno de ser seguido. Que em todas as unidades os soldados se unam, manifestando-se contra o mau trato e a mobilização, exigindo o regresso aos seus lares e ao trabalho pacífico!

A bordo do «Niassa» —

Carta dum soldado:

«Com um calor enorme, vínhamos a dormir nos porões do navio, quase em cima uns dos outros. Faz uma pequena ideia: 2.000 soldados no «Niassa»! Como não conseguíamos dormir nos locais destinados, às duas horas da manhã, começámos a sair para os convés e resolvemos então ir dormir o resto da noite para as salas de oficiais e sargentos. Apareceram alguns superiores a mandar acalmar a malta, mas ninguém os ouvia e naquela noite era tudo nosso... Quanto à comida, não sei se já viste porcos a comer, nós ainda fazíamos uma figura pior. Em grupos de 10 íamos levantar o comer numas latas todas ferrugentas, depois sentávamo-nos numas tábuas, mas como tínhamos que passar uns por cima dos outros, o comer caía muitas vezes para cima dos camaradas do lado. Ao fim de 15 dias de cá es-

31 de Janeiro no Porto

(continuação da 1.ª pág.ª)

de 2 auto-tanques da PSP foram suficientes para impedir o povo de demonstrar da forma mais eloquente o seu anti-salazarismo, a sua vontade de derrubar este regime de terror e de crime, de fome e de guerra.

Quando cerca das 20 h. a multidão começou a debandar, outros grupos de pessoas foram chegando, atraídos pelo que se passara e novas manifestações, estas agora dispersas, se organizaram um pouco por toda a baixa do Porto. Às 21 h. uma manifestação juvenil subiu a rua da Madeira; às 22 h. as vitrinas dos pasquins fascistas «Diário da Manhã» e «Diário do Norte» foram estilhaçadas por outra manifestação; às 23 h. a polícia era apedrejada por outro grande número de manifestantes entre as ruas dos Clérigos e da Fábrica respondendo a tiro. Até cerca da uma h. da manhã o povo do Porto se bateu com as polícias, cantou, deu vivas, gritou o seu ódio ao verdegado dos povos de Portugal e das Colónias, Salazar.

Cerca de 22 feridos com moir ou menor gravidade, prisões (entre as quais a de um jovem de 17 anos de uma escola técnica quando lhe extraíam uma bala de uma perna), não fizeram senão aumentar o desejo de novas grandes manifestações. A confiança no Partido Comunista, no partido da classe operária portuguesa, e a confiança no povo, aumentaram.

A luta continuará com maior entusiasmo. Novas e poderosas acções serão lançadas nas fábricas, nas escolas, nos locais de trabalho, nos Sindicatos, nas Ordens e em comemorações de outras datas gloriosas.

O povo do Porto deu agora uma poderosa contribuição para o levantamento nacional. O Partido Comunista saído-o pela sua coragem e combatividade, pelo magnífico exemplo de luta dado. Junto com o povo de Almada, Lisboa, Coimbra, Grândola, Alpiarça, Couço, Picote, etc., o povo do Porto ergueu bem alto a bandeira da Democracia. Avante, povo do Porto! Avante, povo Português! Continuem o exemplo do Porto!

tarmos em Moçambique quiseram-nos pôr a cavar terreno para cultivar e fazer os alicerces para aumento do quartel, o que todos nós recusámos fazer. Ameaçaram-nos então que em vez de dois estaríamos cá seis anos, a meter medo, mas mesmo assim nada conseguiram».

SALAZAR CONDENADO NA ONU Angola será independente!

Presntando justiça à heróica luta do povo angolano pela liberdade e independência, a Assembleia Geral da O.N.U., após longo debate, confirmou mais uma vez, pela esmagadora maioria de 99 votos, entre 103 membros das Nações Unidas, o direito do povo de Angola à independência. Com excepção da Espanha franquista, nenhuma voz mais se levantou em apoio de Salazar. Mesmo os países imperialistas da Nato, a cujo apoio material os salazaristas devem a sua teimosa resistência em submeter-se às resoluções da ONU, não tiveram a coragem de apoiar publicamente os colonialistas portugueses. Apoiando Salazar com uma mão são obrigados a votar com a outra a condenação da sua política colonialista, com receio de se desmascaram ainda mais perante os novos países independentes da África e da Ásia e perante a opinião pública internacional.

A moção aprovada que os salazaristas se contentam em considerar moderada (?) contém os seguintes pontos:

«REAFIRMA SOLENEMENTE O DIREITO INALIENÁVEL DO POVO ANGOLANO À LIVRE DETERMINAÇÃO E À INDEPENDÊNCIA»; reprova vivamente as medidas de repressão e a acção armada dirigida contra o povo angolano, bem como a privação imposta a este povo dos direitos do homem e das liberdades fundamentais; e CONVIDA AS AUTORIDADES PORTUGUESAS A POR IMEDIATA-FINTE TERMO ÀS MEDIDAS DE REPRESSÃO CONTRA O POVO ANGOLANO».

Além desta clara e insusceptível condenação do governo de Salazar, a moção dos 99 países ainda exige: «QUE SEJAM LIBERADOS IMEDIATAMENTE TODOS OS PRESOS POLÍTICOS ANGOLANOS...»

É de salientar que além desta moção, 26 países manifestaram-se pela aplicação

de sanções internacionais ao governo de Salazar, caso persista na sua política colonialista. A maioria destes países manifestou a sua disposição de ajudar mais eficazmente material e moralmente o povo angolano e os povos das restantes colónias portuguesas da África, na sua luta pela liberdade e independência.

Nada poderá já salvar os colonialistas portugueses e nada poderá impedir a marcha irresistível dos povos de Angola, Moçambique, Guiné, Cabo Verde e demais possessões colonialistas para a liberdade e a independência.

Depois da Libertação de Goa, Damão e Diu, nem os próprios salazaristas tem já sobre isso a menor dúvida. Toda a sua política tem por objectivo prolongar o saque das riquezas colonialistas, ainda que à custa de milhares de vidas e de sofrimentos sem conta para os povos coloniais e para o povo português. Por este facto, a luta dos povos coloniais pela liberdade e independência identifica-se cada vez mais com a luta do nosso povo pelo derrocamento de Salazar, pelo restabelecimento das liberdades fundamentais e pela instauração de um governo da Unidade Nacional que arranque Portugal ao isolamento e à vergonha da condenação internacional.

Liberdade para Agostinho Neto!

AGOSTINHO NETO, o dirigente nacionalista angolano querido e amado pelo seu povo, encontra-se encarcerado arbitrariamente e em condições desumanas no Aljube de Lisboa.

PORTUGUESES! Exigir a libertação imediata deste grande patriota angolano, assim como a libertação e a independência para a sua Pátria!

NEM UM TOSTÃO PARA A GUERRA

Em vista da recusa, que se está a generalizar nas empresas, fábricas e entre a população do país, de dar dinheiro para a guerra de Angola, os fascistas começaram a utilizar as igrejas para reuniões com o fim de angariar dinheiro. Em S. Pedro da Cova, por exemplo, a mulher dum fascista da região que está ligada ao Movimento Nacional Feminino, de acordo com o pároco da freguesia, tem chamado à Igreja raparigas e mulheres católicas, para as encarregar de recolherem donativos, de porta em porta. Mas a maior parte das convidadas têm-se esquivado, pois não estão dispostas a ir arrancar dinheiro ao povo faminto para a continuação da criminoso guerra contra o povo de Angola.

LIBERDADE PARA AGOSTINHO NETO